

ÁGUA DE BARRELA

trechos da obra de Eliana Alves Cruz

Os anos foram passando. Umbelina cumpriu a determinação da senhora à risca: ensinou tudo o que sabia a Anolina, afinal ela era filha de uma patrícia de sua Ketu. Tudo mesmo. Iniciou a menina no forno, fogão, nos demais afazeres domésticos e em seus cultos, que eram secretos para os senhores. Certo dia, um grito horrendo explodiu no ar por volta das 14 horas. Um contraste macabro com o dia claro e sol a pino, céu azul e sem nuvens. Por um instante, tudo parou. Cessaram as respirações, os corações. Parecia que até os ponteiros do imenso carrilhão na entrada do sobrado dos senhores petrificaram pelo berro medonho. O gelo que o grito deixou só foi quebrado quando o sangue escorreu pela terra. Foi uma correria, e outros gritos, choros e gemidos se fizeram ouvir.

O escravo Tito, na mecânica atividade de enfiar a cana na moenda, se aproximou demais e teve seu braço direito tratado pelas engrenagens como se fosse mais um dos compridos pedaços do vegetal. Roberto, o feitor da moenda, que orientava Tito na delicada tarefa, não pensou duas vezes: sacando do enorme facão posto ali para tirar folhas laterais e limpar a cana antes de colocá-las para moer, cortou o braço do cativo na altura que ainda não tivera sido tragada pelos pesados e poderosos cilindros. Salvava a vida dele, pois em poucos minutos Tito seria todo puxado e esmagado, como diziam ter acontecido com o antigo feitor-mor, que por descuido prendeu a manga do paletó e não teve tempo de desvencilhar antes de ser puxado com toda a força para dentro da máquina, sendo triturado e devolvido como bagaço de cana e suas tripas como caldo.

(Água de Barrela, p.63-64)

A imperatriz dona Tereza Cristina, retirou algumas moedas da quantia que levaram para dar em esmolas e doações para as igrejas do lugar, e assim deu “um agrado” aos da cozinha, que foi levado por um dos assessores da comitiva. E assim Anolina começou uma poupança que garantiria o recomeço de vida para sua filha e neta após a sua morte. Entre as conversas, o imperador fez elogios ao calçamento, que era todo como o do Rio de Janeiro antigo, e o coronel Tosta deu conta de números do orçamento e dados da cidade. Disse ele a Dom Pedro que Cachoeira somada a São Félix tinha “uma população de 20 mil almas”. No dia seguinte, a comitiva seguiu para Feira de Santana, e o coronel Francisco o acompanhou, bem como Egas Moniz Aragão e uma comitiva de muitos homens montados, que cercaram o cavalo do imperador e o carro da imperatriz, que era puxado por sete animais entre os mais belos do lugar. Assim como era em Cachoeira, as recepções pelo caminho foram igualmente grandiosas. Na viagem, os senhores e Dom Pedro tiveram a oportunidade de conversar sobre muitas coisas, e o monarca se assustou com o fato de ainda não usarem o arado na agricultura, apenas deixando o terreno descansar entre uma cultura e outra.

(Água de Barrela, p. 115)

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

O CRIME DO CAIS DO VALONGO

trechos da obra de Eliana Alves Cruz

Escrevi a notícia inteira com luxos de detalhes, mas sabia que não sairia na Gazeta do Rio de Janeiro. Este libreto de repórter enfadonho, de um palmo de medida, que só falava das guerras e conflitos da Europa, dos assuntos ligados a Dom João e sua família ou, ainda, de avisos de compras, vendas, viagens... Queria que este periódico fosse como os que o marujo Caetano me trazia entre os seus contrabandos: moderno. Se assim o fosse, não escaparia de ter nele escrito que o todo poderoso Intendente-Geral de Polícia, Paulo Fernandes Viana em pessoa, coçava a cabeça e franzia sua testa enquanto comprimia um lenço de linho bordado no nariz, se defendendo dos odores da decomposição que já fazia seu trabalho corrosivo.

Acompanhado de dois guardas da Divisão Militar da Guarda Real, olhava a face intumescida de seu parente distante e vizinho na chácara Andarahí Grande sem entender nada. O morto estava envolto em uma colcha sob medida, com uma faca cravada na barriga e com duas partes do corpo decepadas. Era o defunto mais estranho de toda São Sebastião do Rio de Janeiro.

Ele, que despachava a cada dois dias com D. João VI em pessoa e dominava a área de segurança pública, nunca vira nada parecido. Palavras deles. E era a sua responsabilidade patrulhar as ruas, expedir passaportes, vigiar os estrangeiros, fiscalizar as condições sanitárias dos depósitos de escravos e providenciar moradia para os novos habitantes que a cidade recebeu com a chegada da corte ao país.

– Há menos de uma semana estava este gajo na chácara oferecendo uma festa “daquelas” dignas de um vice-rei! Mas o que terá passado...? Murmurava Paulo Fernandes, enquanto verificava o defunto.

O corpo do comerciante Bernardo Lourenço Vianna estava acomodado em um caixote, a um canto da Rua Detrás do Hospício, ali bem perto da Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos, que, além do mais, ficava muito próxima da residência do intendente, uma imponente casa da Rua do Conde, perto do Campo de Sant'Anna. Sua famosa carroça estava estacionada a poucos metros. O intendente pensava que o primo, próspero negociante do Valongo era, decerto, uma figura presunçosa e bastante desagradável. Conhecia-o bastante bem das históricas desavenças familiares e também porque a sua hospedaria – a Vale Longo – um pulgueiro bem próximo aos armazéns, trapiches e tabernas daqueles subúrbios, por vezes recebia quem chegava fugindo dos conflitos da Europa e atraído pela presença da Família Real em solo brasileiro, mas não tinha dinheiro para ocupar os lugares nobres da cidade. Também tivera vários arranca-rabos com ele por conta dos depósitos de escravos; o intendente estava a fiscalizar as condições daqueles locais.

Ficou famosa uma briga entre ambos após a inspeção do armazém 23, quase defronte à hospedaria. Bernardo não queria gastar um único vintém para fazer as modificações recomendadas e sempre se valia do parentesco distante com o intendente para escapar. Desta vez foi multado. O bate-boca entre os primos aumentou o tom e ganhou as ruas, para assombro dos transeuntes. Bernardo apelou para os assuntos familiares e privados. Pronto. Por muito pouco o comerciante não saiu dali direto para a prisão.

Paulo Fernandes sempre achou que o temperamento de Bernardo o colocaria em desventuras infinitas ao longo da vida, mas nunca imaginou que o acharia morto daquela forma tão estranha e justo naquele momento, em que parecia estar no auge de suas posses, finalmente com o título de barão, cuja obtenção tanto o perturbava, e prestes a se casar com uma moça belíssima, de uma das famílias mais tradicionais da cidade, Emerenciana Campelo D'Ávila.

(O crime do cais do Valongo, p. 7-11)

Certo dia, no princípio da noite, os feitores trouxeram um homem que diziam ter feito algo abominável. O senhor Lima de Azeredo, dono daquelas terras, reuniu os pretos da casa e da lavoura e também os brancos seus convidados. Todos se acomodaram como que em um teatro igual àqueles a que vez por outra meus senhores iam assistir nas casas distintas. Ficamos todos ao redor de um enorme caldeirão com água fervente. Eu estremecia imaginando o que estava para ocorrer. Nenhum dos pretos queria ver, e percebi que alguns brancos, principalmente senhoras, também não, mas o senhor Lima de Azeredo nos obrigava com voz enérgica e uma ameaça no olhar. O senhor Bernardo e dona Ignácia estavam entre os mais excitados da assistência.

O homem foi trazido por dois capatazes enormes, cada um segurando em um braço. Estava altivo, mas só começou a gritar quando viu o que seria feito. O senhor falava muito exaltado.

– Se em sua terra selvagem permitem-se estas imundícies e sujidades, vestidos como mulheres e servindo de pacientes uns aos outros, não o farão em minhas terras! Não o farão em terras de verdadeiros cristãos de bem!

Este senhor não sabia o que estava a fazer. Enquanto era conduzido para o caldeirão, entre os gritos, o homem maldizia toda geração dos senhores e jogava encantamentos. Ele era um jimbanda e muitos tinham tradições em feitiçarias. Dizia as coisas fortes em sua língua, que aprendi a reconhecer um pouco nos meus tempos do mercado em Quelimane, na minha Moçambique. Ele era acusado de somitigo. Se fossem pretos fazendo outros pretos de mulher, não sei se o castigo chegaria àquele ponto, mas o condenado estava de caso com um sinhozinho branco, embora no caldeirão tivesse apenas uma cor.

Quando finalmente foi mergulhado, o pobre desmaiou de tanta dor antes de a água lhe chegar aos joelhos. Não sei o que foi pior, os gritos ou aquele silêncio cheio de odores, sons da noite e respirações ofegantes. Os rostos de uns escondendo a todo custo o medo e a aflição e os outros aproveitando o espetáculo.

Senti as tripas revirando e uma nuvem passou em minhas vistas. Calafrios de pavor percorreram meu corpo. Estava pela primeira vez em um engenho e nunca mais esqueceria aquele momento porque ele, o escravo escaldado, viria a se juntar aos muitos que me cercavam chegados do outro mundo. Disse que se chamava Joaquim Mani Congo e pediu uma coisa que eu sabia como dar: a paz no mundo dos ancestrais.

(O crime do cais do Valongo, p. 21-23)

Fechei os olhos para ver as imagens dentro de mim e elas surgiram límpidas como cristal fino de uma taça da cristaleira do engenho Tamarineiras. Como diz um provérbio da minha terra “é melhor perder a vista que a alma” e sempre nesta mesma hora – sim, conversamos muito cedo... ou seria muito tarde? – eu desperto, pois, esse céu de escuridão quase clara faz meu espírito enxergar o meu povoado num momento mágico em que apenas três coisas havia: a imensidão úmida da planície verde, o silêncio de doer os ouvidos e o monte dominante na paisagem. Posso sentir o ar fresco depois de muitas chuvas abundantes caírem no sopé do monte Namuli. Nunca mais esquecerei essa sensação e o cheiro de natureza misturado com a terra encharcada.

O verde que domina a paisagem no meu local encantado impressiona. Todo o povoado transborda com uma abundância de espécies de plantas e animais que só existem lá. O solo fértil onde minha família plantava milho e criava cabras abrigava dezenas de casas circulares de terra batida e telhado de palha. Havia um rio, o Licungo, com milhares de pedregulhos em sua extensão onde nós, crianças, nos divertíamos quando ele não estava muito cheio e bravo. Nos trechos em que as mulheres lavavam as roupas, as pedras ficavam cobertas pelos panos estampados secando ao sol, o que dava um colorido especial e inusitado à paisagem.

(O crime do Cais do Valongo, p. 44-45)

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

A COPA FRONDOSA DA ÁRVORE

trecho da obra de Eliana Alves Cruz

O chão criteriosamente encerado. A máquina de costura preta, com aqueles pedais que ela pressionava com seus hábeis e pequenos pés, que eram o perfeito acabamento para as pernas grossas e bem torneadas. A mobília pés de palito. O óleo Seiva de Mutamba. O pente. Os laços de fita cuidadosamente passados. Naquela sala da casa da zona oeste carioca, quando o relógio batia onze horas, ela religiosamente largava as linhas e alfinetes para me prender em suas coxas.

O ritual incluía girar o botão do rádio e impregnar o ar com o Concerto Nº 1 de Tchaikovsky, a abertura do repórter Haroldo de Andrade. As notas da peça musical mesclavam-se com o cheiro do óleo besuntando suas mãos, e eram a senha para que o pânico se instalasse em meu olhar, pois, àquela altura dos meus oito anos de vida, minha cabeleira já assumia o volume das copas frondosas das árvores mais densas; e o pente, as feições de armamento pesado; a motosserra de plástico.

Eu, sentada no chão, presa naquelas coxas negras de tom suavemente amarelado, evidenciando a apimentada mistura que descendia de alguém que talvez viesse do Sudão com outro alguém nascido dos Maracás ou Cariris, da região de suas raízes - a Chapada Diamantina -, tinha a revolta do bicho doméstico aprisionado para uma vacina ou um banho indesejado.

Ela era silenciosa e tinha a "chave de pernas" mais poderosa do universo. Impossível escapar. O óleo penetrando fundo nas folhas da minha árvore. O cabo do pente dividindo tudo em mechas, como um vento raivoso descabela a folhagem. Pronto. A luta ia começar.

Os dentes do pente cravando na base da cabeça e lá vinham suas mãos de costureira de madame, puxando e trançando, puxando e trançando. Eu sentia como se em cada recolher do punho dela saíssem junto todos os meus neurônios. Tchaikovsky e sua trombeta. O piano dominando. Os violinos. As vozes da vinheta. O andamento acelerava, caía e entravam as notícias, com a voz marcante do Haroldo de Andrade.

Ela afrouxava as coxas. Já não havia o perigo de fuga. A cabeleira estava tão rigorosamente presa em (rançados elaborados e amarrados com laços de fitas, que os olhos puxavam nos cantos, como os dos orientais... Ou seria como os dos índios da baiana Lençóis? Ela me mirava com um ar de aprovação. Eu, passado o drama infantil, também gostava.

Em segundos não restariam vestígios da "sessão de tortura", ao som do compositor romântico russo. O arsenal era guardado numa caixa de madeira, que seria reaberta no dia seguinte com o mesmo drama teatral, e vinha daí, desta rotina cômica, o seu silêncio resignado e irônico.

Na mesa fumegava o escaldado de peixe, a fritada com camarão seco ou alguma de suas delícias. Eu entraria no ônibus da escola e dele desceria algumas horas mais tarde, com uma meia descendo no sapato e outra na altura dos joelhos ralados, parte da blusa para fora do cós da saia e com minha copa de árvore completamente livre das amarras. Sem poda.

Minha avó me receberia pontualmente no portão de casa e, com a sabedoria dos índios e dos negros do seu sangue, se abaixaria para nivelar o olhar ao meu, mas também não diria nada. Apenas acariciaria as folhas no alto de minha cabeça e me daria um beijo, convidando para a sopa de legumes que já estaria posta na mesa coberta com uma toalha florida, a esfriar perfumando o ambiente, como uma suave brisa na floresta da minha infância.

(Cadernos negros 40, p.179-181)

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

A PASSAGEM

conto de Eliana Alves Cruz

Deitada no leito acolchoado, de olhos cerrados e presa a um tubo, Carolina dos Reis refletia sobre sua vida até aquele momento. Poderia ter acabado com tudo muito antes de se ver recostada naquele local quente, apenas aguardando pela hora derradeira, numa ansiedade sem fim e imaginando, afinal, como tudo terminaria e como seria “a passagem”. O filme que desenrolava diante de seus olhos mostrava a realidade sem enfeites. Era preciso enfrentar a verdade. Era o momento da carne crua. Pensava no corpo nu e no leito que a oprimia cada dia mais. Um incômodo crescente, mas ao qual ia se adaptando, pois não tinha outro jeito.

Não conseguia distinguir muito bem o que diziam, mas ouvia um barulho intenso ao seu redor. Pensou que finalmente poderia descansar e ter paz quando chegasse a hora. Entre todos os sons ao seu redor, um se destacava: o da voz de sua mãe, Antônia, que já estava no outro lado da vida. Como seria, afinal, a outra face da existência? Escutava a mãe chamar com suavidade, Minha filhinha, e cantar músicas doces. Canções ancestrais. Também ouvia chorar em suas angústias por ter carregado, durante a vida inteira, o mundo nos ombros, suportando julgamentos.

Não conseguia mover-se e a sonda incomodava. Queria mudar de posição. Até que enfim inclinaram a cama!, pensou. Estava em uma posição mais cômoda, mas... as vozes do além não a deixavam descansar. Uma delas pensou ser de Orlando. Teria ele vindo fazer uma visita? Teria essa coragem? Homens são seres nada confiáveis, pensava, Vou tratar de me prevenir contra eles no outro mundo, refletia com um sorriso irônico.

Um Sentia o corpo com a pele fina e enrugada. A vida era mesmo cruel.

A mente entrou num turbilhão e começou a recapitular algumas passagens contadas pela mãe, em suas confissões quando estavam sós, sempre com uma ponta de amargura. Tinha tantas coisas para falar e para perguntar quando finalmente a encontrasse no além.. Crescera assim, ouvindo que precisava ter o dobro dos ombros das outras. Mas que outras?, perguntava-se. Não seriam todas fêmeas a habitar o mesmo planeta inacabado? Não, não seriam todas as mesmas fêmeas, dos mesmos machos. Cedo entendeu dona Antônia, mas queria não apenas falar. Queria encontrar a mãe e dar o abraço que no momento não podiam trocar. Sorriria para ela e lhe daria ternura. Alegriaria seus dias e juntas ficariam para sempre neste novo mundo.

Dona Antônia - em um tempo que agora lhe parecia distante na eternidade, quando ela ainda era bem pequenininha -, sentou-se com ela na frente de um espelho e a fez compreender que essa cor da terra que a cobria dos pés à cabeça era toda a sua beleza e seria toda a sua luta de vida. Recebeu da mãe a força e as informações de que precisava para ao menos começar a nova jornada, mas com o carinho vinha de sua voz aveludada. Carolina então prometera, de forma silenciosa, que lutaria para que o novo muna existência fosse menos dura para elas.

Sentia-se estranha naquela cama que se tornava mais incomodava a cada dia. A cabeça não parava. Decidiu encarar a espera não como uma tortura, mas como a chance que lhe davam para examinar o texto do que vivera até ali. Saberá em breve se outra vida realmente existia, e não queria errar. Ter esta chance seria muita generosidade do Criador. E, afinal, como seria Ele? Esperava que fosse uma Criadora, que fosse uma Deusa. Muitas vezes duvidou, embora a voz de sua mãe viesse lhe dizer Deus a que amava. Como poderia acreditar em sua existência se desde cedo aprendeu que umas e uns têm mais direitos que outras e outros? Sabia que a linda igualdade era uma ilusão que se derramava pelos papéis e discursos, mas nunca pelas vidas de carne e osso.

Ouvia pessoas apontando rancores. Gostavam de colocar palavras em sua boca e pensamentos em sua cabeça.

Chegou a se engasgar com tantas coisas que lhe empurravam pela goela, que nem abrir direito podia naquelas condições. Finalmente regurgitaria tudo aquilo e se sentiria leve. Esta passagem lhe pareceria bem mais penosa se não tivesse entendido que precisava dizer o que achava que me devia e a quem era de direito. Em alguns casos, indo às últimas consequências. Dona Antônia a ensinara que era preciso aprender a guerrear com a palavra.

Fechou os olhos. Já havia passado em revista que aprendera. Por último lhe veio outra vez Orlando, no quadro mental. Também escutava sua voz vinda do além. Entenderia finalmente por que a abandonara tão cedo. Estiveram juntos no início de tudo, e quando finalmente chegara o momento de comemorar algumas vitórias, ele a abandonara. Escutava as vozes do mundo, sabia que a solidão era algo comum entre elas. Passou muito tempo a se perguntar, afinal, se teria feito de errado. Qual a sua participação naquela dor toda. Não chegou a uma conclusão muito segura, embora soubesse que sua digital também estava lá, naquela ferida que jamais cicatrizava. Chorava baixinho no acolchoado de sua cama. Nem chorar direito podia, com aquele tubo atrapalhando!

Sua mãe aparecia falando em perdão, e ela sentia culpa por não conseguir. Culpa... era duro se desfazer de toda essa bagagem. Queria ter uma nova chance com Orlando. Sentia que o meio da jornada poderia ter sido completamente diverso. Haveria outra vida? A respiração pesava. Queria se livrar daquele tubo! Subitamente o coração parecia explodir. Sentia como se a cama inteira se movesse. Estaria indo para o céu? Teria ele o nome de céu, paraíso ou orum? Não importava. Era ela, a morte. Chegara a hora.

Teve muito medo e se encolheu. Ouvia ainda mais vozes a sua volta. Seria a mãe Antônia? Seria Orlando? Seriam os médicos? O coração explodia. O sangue afluía para o cérebro. Um gelo lhe percorreu a espinha, e sentiu, de uma vez, todos os órgãos do corpo. Teve a consciência de cada um. Desistiu de lutar. Desistiu de não se entregar. Soltou o corpo. Mergulhou no nada... no completo nada. Um silêncio do mundo se fez em seus ouvidos. Mas ainda estava lá.

Havia consciência, mas nunca em sua longa vida havia ouvido tanto silêncio. Uma tênue luz rompeu aquele imenso universo de "coisa nenhuma". Uma ardência nos pulmões a fez gritar e chorar.

Então era isso o que havia do outro lado! Sentiu mãos quentes a amparando e a voz tão conhecida e amada. Cortaram-lhe o cordão. Seus olhos embaçados de lágrimas miravam a pele tão negra e aveludada da mãe Antônia. Queria perguntar ela sobre o pai, Orlando, mas preferiu lhe sugar o seio e ser o bebê tão aguardado. Sim, teria outra chance.

(In: Olhos de azeviche: contos e crônicas. Rio de Janeiro: Malê, 2020, p.17-21).

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!

AS DOZE MULHERES DO DIA 8

poema de Eliana Alves Cruz

Somos as vozes das 12 mulheres que não verão o sol do dia 9 de março.

Somos as vozes daquelas que não receberam flores ou perfumes;

O grito mudo das que viram a lâmina como último brilho

...ou a bala como derradeira carícia

Somos a lágrima do olho que, roxo, não conseguiu chorar

Se nosso corpo os provoca até o ponto da posse,

Não é culpa nossa a vossa doença

Baseada na crença de que somos a raiz dos pecados do mundo

Somos os 12 ventres abertos por mãos que esmagam sem tocar

Os 12 hematomas na boca do estômago

O septo desviado

O crânio fraturado

Somos as fêmeas que pariram as putas do teu xingamento

E teu alimento em leite de peito e mel das entranhas

Doze mulheres num beijo de morte

Doze vaginas à própria sorte

Doze seres expostos aos julgamentos

Linchamentos, excrementos

Somos 12 mulheres e, sabemos, vocês não conseguem ver

Temos aqui ao menos oito rostos pretos,

Pois a lágrima clara não se comove fácil pela pele escura

Não estamos sós

A nós, não se enganem, amanhã se juntarão mais doze

Talvez uma moça que recebeu flores

Ou uma mãe que guardou no armário algum presente

Quem sabe a noiva de aliança no anular
Ou a ambulante chegando a casa depois de tanto lutar
Talvez a rica senhora que se acha protegida
Ou a indigente igualmente preterida
E ainda tem aquela, a executiva
Nenhuma de nós está excluída da possibilidade de virar estatística
Doze... vinte quatro...quarenta e oito...
4.380 ao final de um ano comemorado em natal e réveillon
Pelos homens de boa vontade

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!